

'PAULISTANÊS'

Conheça as origens dos sotaques e das gírias falados nas ruas da capital

Com influência de índios, bandeirantes, migrantes nordestinos e imigrantes, principalmente os italianos, a língua que se fala em São Paulo tem mais de um sotaque. Por causa do tamanho da cidade, pequenos dialetos foram surgindo, especialmente na periferia. Mas uma coisa é certa: o 'meu' não pode faltar.

88

Sotaque paulistano

Tamanho da capital cria formas variadas, mas marcantes, de falar, como gírias e entonação da voz

“Orra, meu, o Ibirá é mó da hora, tem várias mina gata lá pra xavecar, mano. Cara, se pá, vou buscar meu truta, que não é coxinha, e passar a tarde lá. Isso se o rolê não miar. Se pans, se não rolar, vou pra minha quebrada.”

Se você entendeu essa frase, é paulistano, costuma ir à capital ou falar com seus moradores. São Paulo, ou Sampa, como é carinhosamente apelidada a maior cidade do país, tem muito mais do que só um sotaque.

O “paulistanês” tem influência de índios, bandeirantes, migrantes (em especial, os nordestinos) e imigrantes (com destaque para os italianos). “Ma belo, ma não me enche o saco.” É assim que o comerciante Walter Taverna, 83 anos, descendente de italianos, costuma falar (também com as mãos) para brincar com funcionários, amigos e parentes.

Gigante, a capital acaba criando pequenos dialetos em suas regiões, em especial na periferia. Para o rapper Apolo, nascido no Grajaú (zona sul), o jeito de falar próprio da periferia surgiu para demonstrar intimidade. “A fala do gueto tem característica própria, tá ligado, mano. Em todas as quebradas se fala parecido, misturo geral. Acabou indo pra todos os cantos da cidade.”

Abreviar nomes

“E aí, Tati, beleza?”. Foi assim que a professora Regina Brito, linguista da Universidade Presbiteriana Mackenzie, cumprimentou a reportagem. “Essa mania de encurtar nomes é típica do paulistano. Traz uma proximidade”, explica. Outra mania é trocar plural e singular. “Paulistano pede dois pastel e um chopês”, diz. Isso porque o italiano não usa o “s” para formar o plural, diz.

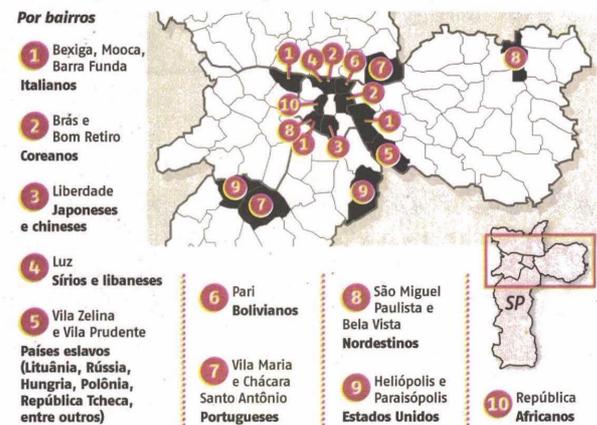
Para a linguista Fabiana Leite, da Unicamp, atualmente, o falar paulistano é cosmopolita. “É caracterizado pela grande diversidade cultural presente na capital, com influências do Brasil e do mundo.” Tá ligado?

(Tatiana Cavalcanti)



O rapper Apolo, um dos expoentes do sotaque da periferia, no Grajaú (zona sul); bairros afastados criaram suas próprias formas de falar e, com o tempo, gírias como ‘quebrada’ e ‘truta’ se espalharam pela cidade

Mapa dos sotaques



Bairros são território estrangeiro

Quem analisa o mapa de São Paulo, e percorre seus bairros, pode ter a sensação de ter trocado de cidade, de Estado e até mesmo de país. Mas verá que, apesar da mudança na forma de falar, continua na capital.

Com o fim da escravidão, em 1888, o Brasil abriu as portas para trabalhadores imigrantes. São Paulo foi a que mais recebeu estrangeiros, que se espalharam em grupos pela capital, em diferentes áreas, como os italianos (na Mooca e na Bela Vista), bolivianos (no Pari) e moradores do leste europeu e nordestinos (em São Miguel Paulista) (confira mapa). (TQ)

Forma ‘caipira’ de falar nasceu na capital após contato entre tribos

A capital paulista, acredite, é berço do sotaque que hoje chamamos de caipira. O “r” arrastado, como “a porrrta é verrre”, nasceu de uma cultura de miscigenação entre índios e não índios.

“A base da pronúncia do interior surgiu na região em que hoje se localiza a capital paulista, no chamado planalto de Piratininga”, explica Daniel Paulo de Souza, professor de língua portuguesa e literatura da Universidade São Judas Tadeu. “A língua portuguesa falada pelos colonizadores sofreu muita influência dos dialetos indígenas e constituiu um falar próprio, conhecido pelos habitantes locais”, afirma.

Com o tempo, sobretudo com a figura dos bandeiran-

tes, maiores praticantes desse “novo dialeto”, essa forma de pronúncia se expandiu em direção ao interior e a outros Estados, como MG.

Com o tempo, o paulistano adquiriu a mania de trocar a letra “l” por “r”. As músicas do compositor paulista Adoniran Barbosa são exemplo. “Isso corre em ‘frechada do teu olhar’ e ‘bala de revólver’. Essa troca, porém, não é exclusiva do dialeto caipira paulista. Pode ser achada em todas as regiões brasileiras e está mais relacionada a variáveis ou aspectos sociais, como a escolaridade”, diz Manoel M. Santiago-Almeida, professor da USP e pesquisador responsável pelo Projeto de História do Português Paulista. (TQ)



O comerciante Walter Taverna, 83 anos, descendente de italianos, costuma falar português ‘italianado’; ele também usa muito as mãos durante a conversa

Dicionário das gírias

- B**agulho: alguma coisa, algum objeto
- Balada:** sair à noite
- Bater um fio:** telefonar para alguém
- Beleza/Belê:** está legal, joia
- Busão:** ônibus
- C**abuloso: muito bom, impressionante, sensacional
- Canhão:** mina (mulher) ou cara (homem) muito feio
- Cola lá:** vai lá
- Cara:** uma pessoa, um homem; também enfatiza tempo: “faz mó cara que não a vejo?”
- Coxinhas:** é sinônimo de playboy, maurício, patricinha e usado para designar policial militar
- D**a hora: legal, maneiro, bom
- Dar um rolê:** passar
- E**ncher o saco: amolar, incomodar
- E nós:** saudação, conta comigo
- F**alô: cumprimento ou concordância com alguma coisa
- Fica na moral:** fica quieto, calado
- G**ambê: policial
- Gás (dar um gás):** fazer algo rápido
- I**birá: parque Ibirapuera, na zona sul de São Paulo
- M**ano: uma pessoa; também demonstra surpresa ou empolgação
- Meu:** demonstra espanto ou empolgação. Parecido com “orra, meu”
- Miar ou moiar:** algo que não deu certo
- Mina:** mulher
- Mó cara/Mó cota/Mileano:** há muito tempo
- Mocrela:** mulher feia
- Muamba:** produtos ilegais de outro país
- Muito louco:** algo muito bonito, lindo, interessante
- N**oia: usuário de droga, que trafica, drogado
- P**agar pau: achar algo ou alguém bonito ou atraente
- Podi crê:** concordar com algo
- Porrada:** soco
- Q**uebrada: vizinhança na periferia
- Queimar o filme:** uma ação que fez alguém ficar malvisto
- R**achar o bico: gargalhar
- Rolo:** fazer troca; caso amoroso
- S**e liga na fita: preste atenção
- Se pá/se pans:** talvez, quicá, se der, pode ser
- Só se for agora:** convite aceito para fazer alguma coisa
- Sussa:** não se preocupe
- T**á ligado?: Entendeu?
- Tamo junto:** conta comigo
- Tá tirando?:** informalismo com ação de mau gosto
- Tipo assim:** por exemplo
- Trampo/trampar:** trabalho
- Treta:** briga
- Truta:** amigo
- U**ma pá (de vezes): muitas vezes
- V**acilio: fazer algo errado, marcar bobeira
- Varar a noite:** passar a noite toda em algum lugar
- Vaza:** sala daqui
- Velio:** sinônimo de ‘meu’
- X**avecar: paquerar
- Z**oar/zueira: fazer bagunça

Fonte: Regina Brito, linguista da Universidade Presbiteriana Mackenzie, dicionário Paulistanês, da Surtis, e Portal das Gírias